

estudo do evangelho

Mateus 4:29-30

José Atanásio da Rocha

28/5/2008



CETM - Cenáculo Espírita Thiago Maior

Mateus 5

29 Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti; pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno.

30 E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que seja todo o teu corpo lançado no inferno.

Nos versículos em referência, Jesus atribui a responsabilidade do erro a dois órgãos físicos: o olho, no versículo 29, e a mão, no 30. Nos dois casos, ele sugere que seria melhor perdê-los a ser punido, com severidade, a ponto de ter todo o corpo lançado no inferno. Não se pode, é claro, interpretar essas referências ao pé da letra, uma vez que Deus não deseja o sofrimento das criaturas. Se assim procedêssemos, seríamos seres mutilados, pelo excesso de erros, pelos quais pratica a humanidade. Se não é esse o sentido explícito na passagem, qual seria, então, o verdadeiro sentido? De igual modo, qual seria a conveniência de não ter um olho ou uma mão, em troca de não pecar? Parece que essa interpretação não nos remete a outro sentido senão ao figurado, no qual devemos compreender uma sugestão de Jesus à renúncia do que nos faz pecar, com o objetivo de evitar sofrimentos maiores na vida futura.

Antes de nos determos aos pontos centrais dos versículos, lembramos que esse trecho é um fragmento de um assunto, para os qual Jesus esclarece as relações entre os dois sexos, ao tocar em dois pontos essenciais: o adultério e o divórcio. Todavia, por ora, vamos concentrar nossas reflexões ainda na questão do adultério, que dá suporte aos versículos em questão. Nesse caso, por que Jesus usaria os sentidos da visão e do tato para ampliar a seriedade do erro? Se o sentido não é literal, por que razão Jesus usa como exemplo o olho e a mão? E por que motivo ele enfatiza o olho direito e a mão direita? É verdade que Jesus sempre usou de alegorias em suas explicações, para que as imagens se fixassem melhor na mente de seus ouvintes. Por esse motivo, o fato de usar especificamente esses membros e do lado direito deve haver uma forte razão para fazê-lo.

Kardec, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. VIII:17, trata da questão dita por Jesus: *“se vossa mão é causa de escândalo, cortai-a. Figura enérgica esta, que seria absurda se tomada ao pé da letra, e que apenas significa que cada um deve destruir em si toda causa de escândalo, isto é, de mal; arrancar do coração todo sentimento impuro e toda tendência viciosa. Quer dizer também que, para o homem, mais vale ter cortada uma das mãos, antes que servir essa mão de instrumento para uma ação má; ficar privado da vista, antes que lhe servirem os olhos para conceber maus pensamentos. Jesus nada disse de absurdo, para quem quer que apreenda o sentido alegórico e profundo de suas palavras. Muitas coisas, entretanto, não podem ser compreendidas sem a chave que para as decifrar o Espiritismo faculta”*.

Da mesma forma, Rousteing também atribui a essa passagem uma figura alegórica, ao discorrer sobre o assunto em *Os quatro evangelhos*, vol I, com a seguinte observação: *“São simbólicas as palavras de Jesus constantes destes versículos; não devem ser tomadas no sentido que lhes é próprio. Têm uma acepção geral, visando fazer que os homens compreendam o dever que lhes corre de se absterem, não só de todas as más palavras, de todas as ações más, senão também de todos os maus pensamentos”*.

Ainda a respeito desse assunto, Pastorino estabelece uma relação mais profunda entre a advertência de Jesus e a condição espiritual do indivíduo, provocada pela não vigilância do pensamento. *“Não é qualquer pensamento que cria carma, como não é qualquer semente que cai ao solo que produz árvore. O simples olhar que admira a beleza, julgando-a uma criatura vistosa, bonita etc, não criará carmas; o que causará vínculos fortes, e, portanto, carecentes de resgate, é o olhar insistente, que provoca movimentos internos emocionais intensos, chegando por vezes até às sensações, o que demonstra ter atingido a ligação fluídica entre os dois seres (mesmo que um deles o ignore, e por isso fique isento de culpa). Essa força mental em ação tem seu ponto de partida no Espírito, e, por isso, nele impregna suas conseqüências, que se imprimem para futuro cancelamento pelo resgate”*. Daí o sentido da visão, como

instrumento físico que propicia, pela intensidade do pensamento, o desejo e a cobiça dos atributos naturais do sexo oposto.

Ainda de acordo com Pastorino, *“perante a lei, portanto, só a mulher casada e a noiva podiam cometer adultério... A mulher é que, se casada, não podia entregar-se a outro homem, pois esse fato constituía um roubo ao marido dela, já que ela era propriedade dele. Por isso o adultério era uma infidelidade ao seu senhor. A lei mosaica mandava que, se eles fossem surpreendidos em flagrante, fossem mortos a pedradas ambos, caso a mulher tivesse marido ou noivo (Lev.20:10 e Deut.22:23); a ela, porque fora infiel a seu dono; a ele, porque lesara uma propriedade alheia.* Nesse sentido, podemos compreender porque Jesus fala do pecado cometido pela mão, que seria melhor arrancá-la a perder todo o corpo.

Se o sentido usado por Jesus não foi o literal, qual a consequência, então de levar isso ao pé da letra, a exemplo da prática em algumas culturas não cristãs? A simples amputação de um órgão físico eliminará novos tropeços de um indivíduo errante? Conforme explica Pastorino, em *A sabedoria do evangelho, Vol 6, “...Não se trata da amputação física do corpo material-denso, cortando os membros que nos atrapalham a evolução. Assim o entendeu Orígenes, o grande escritor cristão grego; mas entendeu mal, e por isso a igreja, ainda à sua época, o condenou. Sendo ele vítima de fortes apelos sexuais, resolveu, baseado neste texto, e naquele outro que fala dos “que se tornam eunucos por causa do reino dos céus” (Mat. 19:12) fazer-se castrar fisicamente, amputando aquilo que o levava à queda em sua opinião. Opinião errada, porque não é o físico, mas o espírito que causa essas perturbações”,* É certo, pois, que de nenhum proveito há para os que realizam tal prática, pois o que fica são as ações plasmadas no perispírito, portanto, sujeita a fortes lembranças e sentimentos de reprovação, quando a consciência espiritual reclamar a devida reparação.

Se, entretanto, a condição do erro pode ser levada a épocas futuras, ainda fora do corpo físico, após a morte do corpo físico, poderia Jesus, com isso, fazer uma alusão ao replanejamento reencarnatório, quando se referiu à perda dos órgãos?

É muito provável que sim, pois sendo o espírito de caráter eterno, as faltas cometidas, se não reparadas na presente vida, podem seguir o curso do espírito nas vidas sucessivas, em busca do aprimoramento moral e espiritual. Kardec diz que a máxima popular *“mata-se a cobra, cessa-se o veneno”* não é verdade no caso do espírito, porque ele leva consigo marcas de sua vivência presente, para vidas futuras. E nesse sentido, segundo Pastorino, em a Sabedoria do Evangelho, vol 6, *“...no entanto, a simples leitura atenta do texto demonstra que essas amputações são realizadas no corpo astral, antes da encarnação. Com efeito, “é melhor entrar NA VIDA” - isto é, na vida FÍSICA da matéria densa – coxo, manco ou cego de um olho, que nascer aqui perfeito e ser lançado na “geena” dos vícios e das lutas, que tanto nos fazem sofrer. Sim, porque ninguém poderia supor que essa “vida” de que fala Jesus, se referia ao “céu”. Que adiantaria ficar nesse céu mitológico na condição de coxo, de cego ou de manco, se: 1.º lá não haveria mais perigo de cair; 2.º lá tudo é perfeito; 3.º se lá não se produzem mais escândalos?”*.

Assim, vê-se que Jesus condiciona a perda de membros para o gozo de uma vida feliz. Como o céu é um lugar de considerável perfeição, então, Jesus não poderia falar de outro ambiente senão o da terra, pois de nada valeria no céu um corpo amputado, marcado em consequência de erros. Dessa forma, a expressão do Cristo de que seria melhor cortar membros a perder todo o corpo, numa vida de dor e de sofrimento, como no Geena, só poderia ser no contexto da transmigração da alma, pelo processo da reencarnação, e não na vida presente, já que Deus não estimularia tal prática.

Ao explicar a questão de escândalo, Kardec aborda as consequências na vida presente dos atos cometidos em vidas passadas. Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. VIII:21, Kardec diz: *“quando uma aflição não é consequência dos atos da vida presente, devesse-lhe buscar a causa numa vida anterior. Tudo aquilo a que se dá o nome de caprichos da sorte mais não é do que efeito da justiça de Deus, que não inflige punições arbitrarias, pois, quer que a pena esteja sempre em correlação com a falta. Se, por sua bondade, lançou um véu sobre os nossos atos passados, por outro lado nos aponta o caminho, dizendo:*

“Quem matou à espada, pela espada perecerá”, palavras que se podem traduzir assim: “A criatura é sempre punida por aquilo em que pecou.” Se, portanto, alguém sofre o tormento da perda da vista, é que esta lhe foi causa de queda. Talvez tenha sido também causa de que outro perdesse a vista; de que alguém haja perdido a vista em consequência do excesso de trabalho que aquele lhe impôs, ou de maus-tratos, de falta de cuidados, etc. Nesse caso, passa ele pela pena de talião. É possível que ele próprio, tomado de arrependimento, haja escolhido essa expiação, aplicando a si estas palavras de Jesus: “Se o teu olho for motivo de escândalo, arranca-o.”.

Fica ainda a questão do lado direito dos órgãos humanos. Também, a esse respeito, Pastorino esclarece sobre *“os dois exemplos, em belas hipérboles literárias. A determinação de olho direito e mão direita é uma concessão à maioria da humanidade, constituída de destros e, além disso, uma minúcia que agrada ao povo”*. Roustaing, em Os quatro evangelhos, vol. I, ao discorrer o assunto no capítulo *“Adultério no coração. - Extirpação de todos os maus Pensamentos”*, aborda o assunto com a mesma precisão que Pastorino, ao dizer que *“...No que ele diz ‘do olho direito’, ‘da mão direita’, que forem para o homem ‘motivo de escândalo e de queda’, só há imagens inteiramente materiais, adequadas aos espíritos da época, destinadas a impressionar fortemente a homens materiais...”*.

Supõe-se, com isso que, se Jesus tivesse dito apenas olho ou mão, teria sido no sentido generalizado, portanto cabendo qualquer olho ou qualquer mão. Isso remeteria o povo à uma idéia de distanciamento, podendo haver margens para isenção de culpa, pelo ato praticado. Ao especificar qual olho e qual mão, Jesus traz o pensamento à razão de um olho ou uma mão em particular: do lado direito. Isso porque a grande maioria, por ser destra, assumiria como sendo sua a responsabilidade pelo ato, além de a retórica dar mais vigor ao sentido das palavras do Cristo, por se tratar de uma particularidade que agradava ao povo.

Há subjacente nesses versículos a idéia do erro, como por extensão a idéia do pecado. Mas o que de fato é o pecado senão o ato de transgredir a lei de Deus?

A Bíblia diz em 1 João 3:4 *“Todo aquele que vive habitualmente no pecado também vive na rebeldia, pois o pecado é rebeldia.”* Em 1 João 5:17 *“Toda injustiça é pecado; e há pecado que não é para a morte.”* Não cabe, aqui, uma análise detalhada da questão da morte, como conseqüência do pecado, para não causar um desviar do assunto central. Todavia, o sentimento inato de alguém que reconhece o erro e a gravidade de suas conseqüências gera em quem praticou más ações um profundo sentimento de dor, o qual, nesse caso, pode atribuir-lhe a sensação da morte. Não a morte do corpo físico, mas o sentimento das forças exauridas, mirradas, consumidas pelo remorso.

Ao explicar a questão do escândalo, em O evangelho segundo o espiritismo, no Cap. VIII:12, Kardec dá uma idéia claro do que seria o pecado, porém, com o uso do verbete escândalo, ao dizer: *“No sentido evangélico, a acepção da palavra escândalo, tão amiúde empregada, é muito mais geral, pelo que, em certos casos, não se lhe apreende o significado. Já não é somente o que afeta a consciência de outrem, é tudo o que resulta dos vícios e das imperfeições humanas, toda reação má de um indivíduo para outro, com ou sem repercussão. O escândalo, neste caso, é o resultado efetivo do mal moral”.* Certo de que o escândalo é uma transgressão aos bons costumes e às normas de bons procedimentos para com nossos semelhantes, escândalo também nos remete à idéia do pecado. E Kardec não poderia ser mais preciso ao introduzir o conceito do escândalo, com a mesma clareza do pecado.

O Pecado sempre foi mais empregado dentro de um contexto religioso, e hoje descreve qualquer desobediência à vontade de Deus; em especial, qualquer desconsideração deliberada das Leis reveladas. A enciclopédia eletrônica Wikipédia traz algumas explicações sobre as visões do pecado em três segmentos religiosos distintos: o Judaísmo, o Catolicismo e o protestantismo.

O Judaísmo considera a violação de um mandamento divino como um pecado. Ensina que o pecado é um ato e não um estado do ser. A Humanidade encontra-se num estado de inclinação para fazer o mal (Gen 8:21) e de escolher o Bem em vez do Mal (Salmo 37:27). De acordo com a Enciclopédia Judaica, "O

Homem é responsável pelo pecado porque é dotado de uma vontade livre ("behirah"); contudo, ele tem uma natureza fraca e uma tendência para o Mal: 'Pois o coração do Homem é mau desde a sua juventude' (Gen 8,21). Por isso, Deus na sua misericórdia permitiu ao Homem arrepender-se e ser perdoado". O Judaísmo defende que todo o Homem nasce sem pecado, pois a culpa de Adão não recai sobre os outros homens.

A doutrina católica distingue entre o pecado venial (desculpável), que justifica somente uma punição temporária no Purgatório, e pecado mortal, que justifica uma punição eterna no Inferno, se não confessado e não demonstrar genuíno arrependimento. Segundo a Igreja Católica, o pecado original só é purgado no indivíduo pelo batismo.

Já o segmento protestante, ou evangélico, não crê em purgatório, nem classifica os pecados como venial, mortal ou capital. Seguindo os preceitos bíblicos, não existe pecado pequeno ou grande, pois "*todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus*" (Romanos 3.23). O pecado nada mais é que a transgressão aos mandamentos de Deus, segundo I João 3:4 Todo aquele que pratica o pecado também transgredir a lei, porque o pecado é a transgressão da lei. Pecado é um ato, pois "*cada um é tentado, quando atraído e engodado pelo seu próprio desejo. Depois, havendo concebido o desejo, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte.*" (Tiago 1:14 e 15). Para que tenhamos salvação e desfrutemos da vida eterna, devemos tão somente crer ("*Pela graça sois salvos, por meio da fé...*" Efésios 2.8) que Jesus é nosso único e suficiente salvador, e confessar nossos pecados para sermos perdoados ("*Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça*" I João 1.9). É bom lembrar, também, que é necessário o arrependimento, e não só o remorso, pois este leva a repetição dos mesmos erros, por não haver mais a lembrança da "culpa" que os abateu.

Finalmente, ao dirigir essas palavras na segunda pessoa do singular, Jesus atribui responsabilidade à criatura que esteve diante de erro quanto à decisão de amputar o órgão maléfico. Por isso, a orientação para cortá-lo e lançá-lo fora é

dada ao indivíduo que comete o erro e não a outro. De outra forma, Ele também não diz que Deus o fará, mas deixa ao errante a responsabilidade de decidir, quanto a privar-se ou não do órgão que o induziu ao erro. Essa responsabilidade torna-se mais compreensível, ao considerar que cada um elabora seu plano individual no processo da reencarnação. Muitos, já com a consciência dos erros e tomados de um forte sentimento de reparação, sugerem na elaboração de seus planos reencarnatórios a perda de órgãos reconhecidos como instrumento de escândalo de outrora. É por isso que alguns espíritos reencarnam no mundo físico, com o corpo deformado, por haver feito mau uso dos debilitados órgãos em vidas passadas. Em outras palavras, Jesus não só profetiza que isso aconteceria, em decorrências dos abusos praticados, como sugere que, tomados de forte consciência, o espírito errante planejará sua condição futura, na esperança de reparar as faltas cometidas em vidas passadas.

Atanásio Rocha
Cenáculo Espírita Thiago Maior
28/5/2008